

TAMÁS KRAUSZ

RECONSTRUINDO LÊNIN

UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL

TRADUÇÃO DE BALTAZAR PEREIRA

COLABORAÇÃO DE PEDRO DAVOGLIO E ARTUR RENZO



© desta edição, Boitempo, 2017
© Tamás Krausz e Monthly Review Press, 2015
Edição em inglês © Eszmélet Foundation
Título original: *Lenin – Társadalomelméleti rekonstrukció*
Título da edição em inglês: *Reconstructing Lenin – An Intellectual Biography*

Direção editorial Ivana Jinkings
Edição Isabella Marcatti e André Albert
Assistência editorial Thaisa Burani e Artur Renzo
Tradução Baltazar Pereira e Pedro Davoglio (livro),
Artur Renzo (notas)
Revisão de tradução Pedro Davoglio
Preparação Thais Rimkus
Revisão Mariana Echalar e Denise Roberti Camargo
Transliteração de palavras e nomes russos Paula Almeida
Coordenação de produção Livia Campos
Capa Pianofuzz Studio
Diagramação e tratamento de imagens Antonio Kehl

Equipe de apoio: Allan Jones, Ana Yumi Kajiki, Bibiana Leme, Camila Rillo, Eduardo Marques, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Isabella Barboza, Ivam Oliveira, Kim Doria, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Renato Soares, Thaís Barros, Tulio Candiottio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K91r

Krausz, Tamás, 1948-

Reconstruindo Lênin : uma biografia intelectual / Tamás Krausz ; tradução Baltazar Pereira,
Pedro Davoglio, Artur Renzo. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2017.
: il.

Tradução de: Lenin: társadalomelméleti rekonstrukció

Inclui bibliografia e índice

caderno de imagens

ISBN 978-85-7559-573-2

1. Lenin, Vladimir Ilitch, 1870-1924. 2. Chefe de Estado - União Soviética -
Biografia. I. Pereira, Baltazar. II. Davoglio, Pedro. III. Renzo, Artur. IV. Título.

17-44463

CDD: 947.084

CDU: 94(47+57)

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: setembro de 2017

1ª reimpressão: setembro de 2020

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br | www.boitempoeditorial.com.br

www.blogdaboitempo.com.br | www.facebook.com/boitempo

www.twitter.com/editoraboitempo | www.youtube.com/tvboitempo

BREVES COMENTÁRIOS EM LUGAR DE UM POSFÁCIO

Mencionei no início deste livro, bem como em outros contextos, que certos autores têm deliberadamente eliminado do legado de Lênin os princípios filosóficos essenciais e a metodologia que marcaram quem ele foi. Por um lado, negligenciam sua descoberta prática mais importante – a saber, sua interpretação teórica precisa da *dialética* marxista, e a reconstrução e a aplicação prática que ele faz dessa dialética¹. Lênin compreendeu, ainda na base de suas raízes hegelianas, que o *materialismo dialético* (e sua epistemologia) incorpora o *autovivimento* das coisas, dos fenômenos e dos processos, bem como a *atividade humana consciente para transformar a sociedade*. Por isso, não se trata de uma dialética histórica das ideias, mas do autovivimento e da autocriação da história pelas classes sociais e pelos indivíduos. Para Lênin, a epistemologia não tratava apenas de conhecer a realidade, não existia apenas em si mesma; antes, tinha como objetivo a busca pela verdade, a solução para as contradições no interior das coisas e as lutas que delas resultavam. Ele queria ver uma transformação radical do mundo para que a humanidade pudesse se livrar, por vontade própria, dos poderes dominantes. Lênin conferiu à 11ª tese de Marx sobre Feuerbach uma nova urgência: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”². Em outras palavras, a história não era para ele um todo abstrato, um objeto de estudo, mas uma ferramenta com

¹ Muitas décadas antes, Gramsci já havia compreendido o que estava implicado nas atividades de Lênin. Ver Antonio Gramsci, *Selections from the Prison Notebooks* (Londres, ElecBook, 1999), p. 688-90 [ed. bras.: *Cadernos do cárcere*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999-2000, 6 v.].

² Karl Marx e Friedrich Engels, *A ideologia alemã* (trad. Luciano Cavini Martorano, Nélcio Schneider e Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2007), p. 535.

a qual os elementos e as tendências a ser continuados ou transformados se localizavam em meio à “ruptura”³.

Embora o ponto de partida de sua prática teórica fosse a aquisição de conhecimento das leis gerais do mundo e das ideias, seu objetivo era ter clareza a respeito de ideias e ações sem ser absorvido pelos detalhes e pelo particularismo estéril. Esse foi um esforço particularmente pronunciado em suas lutas contra a escolástica, o relativismo e o misticismo. Lênin tinha paixão pela busca da verdade desde a infância, o que se manifestou na rejeição de todas as formas de opressão e exploração. Isso também estava na raiz de sua luta contra instituições e ideologias que dominavam a humanidade – por exemplo, a rejeição radical do clericalismo. Ele alcançou uma percepção de totalidade de acordo com a qual o *todo* é composto de uma variedade de contradições que devem ser desnudadas para discernir os elementos e os processos contínuos e descontínuos de uma história em mudança⁴. A “revolução social”, ou seja, o “salto qualitativo”, é parte orgânica e inalienável da história da sociedade moderna, e Lênin entendeu isso como uma das descobertas mais importantes do marxismo.

Uma interpretação historicamente adequada do marxismo de Lênin – em termos marxistas – deve começar com o reconhecimento de que seu legado é essencialmente uma aplicação específica, prática, da teoria das formações sociais de Marx e da maneira como ele lhe deu consistência teórica, à luz das circunstâncias e das experiências históricas de uma época e de uma região de fácil circunscrição (principalmente o desenvolvimento do capitalismo na Rússia, a Revolução Russa de 1905, a guerra em 1914, a evolução do imperialismo, a Revolução de Outubro de 1917, o comunismo de guerra e a Nova Política Econômica). Sua percepção básica de que a humanidade estava às portas de uma revolução social e do socialismo (ou, para ser exato, de uma transição que levasse a isso) foi a conclusão mais fundamental que tirou das experiências de sua prática política durante esses anos.

Em razão disso, o legado político e teórico de Lênin, como variante histórica do marxismo, é único e irrepetível. Por um lado, trata-se de uma experiência e

³ Lênin buscou a saída para as seguintes rupturas: 1) o colapso da Rússia tradicional e a ascensão do capitalismo russo na virada do século; 2) a Guerra Russo-Japonesa e a Revolução de 1905; 3) a Primeira Guerra Mundial; 4) as revoluções de 1917, o colapso da autocracia e a destruição lavrada pela guerra civil.

⁴ Uma rica plethora de ideias e argumentos sobre essa questão, a partir da perspectiva da nova era, pode ser encontrada em Savas Michael-Matsas, “Lenin and the Path of Dialectics” e Stathis Kouvelakis, “Lenin as Reader of Hegel: Hypotheses for a Reading of Lenin’s *Notebooks* on Hegel’s *The Science of Logic*”, ambos em Sebastian Budgen, Stathis Kouvelakis e Slavoj Žižek (org.), *Lenin Reloaded: Toward a Politics of Truth* (Durham-NC/Londres, Duke University Press, 2007), p. 101-9 e 164-204, respectivamente.

uma metodologia original de teoria e ação revolucionárias que desempenharam um papel colossal na história do século XX. As circunstâncias pelas quais, até hoje, Lênin permanece no centro de furiosas escaramuças políticas e teóricas que envolvem quase todas as tendências políticas e intelectuais, incluindo várias do próprio marxismo, demonstram isso.

Em tempos atuais, sob circunstâncias menos promissoras, há tentativas de “remodelar” o marxismo de Lênin para o movimento antiglobalização⁵. A principal razão para isso é o fato de que a tradição leninista do marxismo foi a única a fornecer, ao menos por um período, uma alternativa ao capitalismo. Ela sozinha produziu uma brecha nos muros do capitalismo, mesmo que hoje tal brecha pareça remendada⁶. A situação do mundo desde a década de 1990 demonstra que o domínio global do capital tem engendrado novas formas de resistência. Elas não apagaram a importância do marxismo (não importa qual nome ele receba!) como teoria e movimento. Na verdade, nem poderiam. Em vez disso, em busca de alternativas, os descontentes continuam a todo momento recorrendo ao “marxismo de Lênin”. Essa tradição constitui pontos de referência, argumentos e convenções práticas do movimento de confrontar a forma de progresso corrente no capitalismo. Escritores marxistas como Lukács, na década de 1920, ou Gramsci, na de 1930, bem como movimentos às vezes engajados em polêmicas uns com os outros e tendências políticas e teóricas opostas no interior do movimento comunista, encontraram sua fonte em Lênin. Assim, se falamos de marxismo, as balizas são mais firmes do que poderíamos imaginar, pois o legado da primazia do marxismo de Lênin não é coisa do passado.

Concepção e sistematização

Embora soubesse tudo o que havia para saber àquela época sobre Marx e Engels, Lênin não se limitou a “escavar” a teoria marxista soterrada por camadas de

⁵ A transposição das ideias de Lênin para o século XXI pela perspectiva da crítica esquerdista ao regime não é uma questão de esforço ou de experiência individual. É um fenômeno internacional envolvendo um grupo de renomados pensadores teóricos cujas obras foram reunidas no citado livro organizado por Sebastian Budgen, Stathis Kouvelakis e Slavoj Žižek, com o adequado título de *Lenin Reloaded*.

⁶ Embora o culto a Lênin que existia em sua terra natal – patrocinado por Stálin e com conotações quase religiosas – tenha continuado no Partido Comunista “oficial” e além dele, a herança de Lênin ensinou pouquíssimas análises *teóricas* e abordagens sistemáticas sérias no que diz respeito a sua importância histórica ou a sua relevância para o presente. No entanto, foram publicados alguns livros excepcionais com base em monografias, tendo como objetivo apresentar a autêntica face humana de Lênin, em forte contraste com a abundante literatura “devoradora de Lênin”, nas palavras de Vladlen Lóguinov.

interpretação da social-democracia europeia e do anarquismo. Ele a aplicou – a sua maneira – às circunstâncias russas, *juntando teoria e prática revolucionária-organizativa*. Nesse processo, contribuiu com muitas ideias originais para a reconstrução teórica da ação e do movimento revolucionários, em oposição às tendências reformistas social-democratas⁷.

A sistematização do legado de Lênin se iniciou ainda durante sua vida, como parte da luta por sua sucessão, como forma de legitimação dessa luta⁸. O que se mostrou característico dessas desconstruções não foi apenas a identificação do marxismo com o legado de Lênin nem a “russificação” do marxismo⁹ como resultado dessa luta. Acima de tudo, o marxismo de Lênin foi interpretado exclusivamente como a teoria e a prática da revolução e da luta de classes, omitindo-se os estágios e o método de desenvolvimento que o tornaram o fenômeno que era. Essa abordagem reducionista simplificou o marxismo de Lênin à ideologia da luta de classes política, sobretudo a uma ideologia que justificava a preservação do poder dos bolcheviques. O período stalinista subsequente encarou o leninismo apenas como ideologia partidária, o principal e quase exclusivo veículo do marxismo, com o Partido Comunista – e, portanto, seus dirigentes e, enfim, seu líder – funcionando sozinho como seu único guardião. Os soviets, os sindicatos e outras formas de auto-organização social, que Lênin pensou serem elementos centrais na transição ao socialismo, foram crescentemente omitidos da reprodução da teoria e da ideologia: tudo se tornou nacionalizado. O *marxismo-leninismo* passou a ser a legitimação ideológica que garantiu a preservação do sistema. Apenas com o colapso da União Soviética o “rei nu” ficou plenamente aparente, com a ideologia legitimadora do leninismo se afundando no poço da história abraçada ao próprio sistema. O resultado é que é impossível desenterrar o legado de Lênin sem determinação constante e análise rigorosa.

Os elementos ainda poderosos do marxismo pré-stalinista foram analisados na década de 1960 por Lukács e seus seguidores antistalinistas (como haviam sido antes por Gramsci). O “renascimento de Lênin” daí resultante, permitido a partir de Khrushchov, elevou-se a um alto nível filosófico. Na década de 1970,

⁷ Em larga medida, Lênin chegou a essa elaboração por meio da assimilação dos conceitos anteriores, pré-reformistas, de Kautsky – particularmente no que diz respeito à luta de classes, à reforma agrária e à questão do nacionalismo, como em *O caminho para o poder* etc. No período em que estourou a Primeira Guerra, “retornando” a Marx, voltou esses conceitos contra o próprio Kautsky.

⁸ No que diz respeito à reconstrução histórica dos debates sobre a herança de Lênin, ver Tamás Krausz e Miklós Mesterházy, “About Lenin’s Heritage”, em *Mű és történelem*, cit., p. 101-29.

⁹ A russificação soviética de Lênin, feita com um verniz de universalismo abstrato, reforçava a russificação “burguesa” que era seu exato oposto (ao menos teoricamente) e esvaziava o marxismo de Lênin de sua aplicação universal, tratando-o como um tipo de “manifestação local”.

muitos escritores comunistas marxistas europeus e antissoviéticos – de Rudolf Bahro ao italiano Gerratana ou a Ferenc Tökei sobre essa questão; sobre outras, de Bence-Kis às reconstruções de uma sociedade autogovernada – tentaram mobilizar essas visões como uma crítica ao socialismo de Estado, constituindo uma alternativa socialista autêntica. Tais autores deixaram claro que o poder histórico, político e teórico/científico do marxismo de Lênin não poderia ser reduzido à manutenção do poder ou ao “Estado de bem-estar social”, como os ideólogos soviéticos e seus adversários burgueses (com propósitos opostos) tinham tentado fazer nas décadas anteriores.

Esses esforços fizeram parte de uma tentativa mundial de esboçar um novo referencial crítico para o marxismo. Marxistas de uma ampla gama de perspectivas buscaram durante essas décadas forjar um “terceiro caminho” entre a preservação do socialismo de Estado e a restauração do capitalismo, um caminho de volta à política marxista que pudesse levar a um socialismo autêntico. O *marxismo existencialista* angariou força opondo-se ao marxismo inspirado pela epistemologia, em paralelo à interpretação *ontológico-antropológica* do marxismo e a numerosas outras interpretações do marxismo *autogestionário* (*comunismo de soviets*, espalhando-se em ondas como as do marxismo *estruturalista* e do marxismo *humanista*). Em contraste com essas tentativas de sistematização – que podem ser consideradas expressões filosóficas de liberdade individual e coletiva ou de democracia participativa –, todos os argumentos dos antileninistas, quase independentemente da ideologia, derivam da distorção da herança de Lênin pelo stalinismo. Até hoje esses são os elementos vitais do discurso do antileninismo anticapitalista.

As reservas feitas em relação ao marxismo de Lênin são compreensíveis, pois só após o colapso da União Soviética ficou claro que essa conquista intelectual e prática específica, que não serve mais de legitimação para nenhum Estado, resiste integralmente – em termos teóricos, políticos ou metodológicos – a todas as justificações liberais ou nacionalistas do sistema, bem como a quaisquer suplementações ou interpretações religiosas ou especulativas. Ao mesmo tempo, a lógica interna do marxismo de Lênin só pode ser ressuscitada pela combinação da teoria das formações sociais de Marx com a prática revolucionária anticapitalista.

Outro fundamento subjetivo para a rejeição do marxismo de Lênin por especialistas de esquerda na academia é que as ideias de Lênin resistem filosoficamente à fragmentação ou à segmentação por disciplina, como mostra a experiência de muitas décadas. Todos os seus elementos constitutivos apontam para a *totalidade*, o processo indivisível. Seguindo Marx, Lênin derrubou as paredes que separavam a ciência da filosofia, a teoria da prática. O trabalho teórico de Lênin não pode ser separado do movimento que o lança para além do sistema capitalista. Nesse sentido, seu marxismo está indissolivelmente ligado aos trabalhadores industriais do século XX e a seu movimento, embora seja, ao mesmo tempo, uma ferramenta

metodológica surpreendentemente habilitada para a apreensão de processos em contextos diferentes. As descobertas filosóficas e econômicas de Marx podem continuar a existir independentemente de qualquer movimento revolucionário dos trabalhadores, mas as de Lênin não. Até 1917, todos os seus argumentos teóricos e políticos visavam ao movimento e à revolução dos trabalhadores. Após 1917, como fundador do Estado soviético e em meio às agudas contradições entre a manutenção do poder e os objetivos anunciados da revolução, entre tática e estratégia, Lênin tendeu a vacilar, tornando-se cada vez mais consciente de que os objetivos da revolução teriam de ser adiados para além do futuro previsível¹⁰.

As origens do marxismo de Lênin

O marxismo de Lênin deriva de diferentes fontes, cada uma representando em seu tempo uma oportunidade de mudança revolucionária da sociedade. Isso inclui o Iluminismo francês e o jacobinismo revolucionário, heranças da burguesia revolucionária sem as quais não seria possível transcender a sociedade tradicional (asiática, feudal etc.). Havia também a Comuna de Paris como ápice do socialismo francês. Entre as raízes russas de Lênin, pode-se encontrar Tchernychiévski e os ocidentalistas russos (Hérzen, Belínski e outros), reforçando e complementando um ao outro, bem como os *narodniki* revolucionários, principal esteio da tradição jacobina russa. Lênin sintetizou todos eles com base em Marx e Engels, muito influenciado pela interpretação do materialismo filosófico feita pela geração anterior dos marxistas russos, em especial Plekhánov. Ele também absorveu a ideologia e a prática da moderna organização do movimento dos trabalhadores da social-democracia alemã, com destaque para Kautsky. Essas são as fontes de seu pensamento em termos de movimento de massas e de política.

Todas as fontes do marxismo de Lênin foram combinadas na articulação da teoria com a prática, da abordagem de classe à cultura e à política. E Lênin ainda resistiu à ideologia de classe vulgar, à percepção populista da luta de classes e ao apelo a seu contraponto negativo, a abstração teleológica da realidade. Em sua prática teórica, a questão básica é sempre a relação entre ação e teoria, as transições e o estabelecimento de pontos de contato entre ambas. As fontes de seu marxismo levaram-no a formar uma abordagem antimessiânica e antiutópica. O interesse de Lênin em objetivos de

¹⁰ Posteriores sistematizações visando legitimar suas ideias não admitiam esse fato porque, afinal, o socialismo de Estado parecia ser a encarnação da teoria socialista; por trás desse processo, contudo, podemos perceber a artimanha visando legitimar a ideologia política, ao maquiá-la propriedade estatal como propriedade pública. É importante assinalar que, em círculos marxistas – não apenas na Europa ocidental, mas até mesmo no Leste –, havia tentativas de mostrar o oposto, principalmente a partir de meados dos anos 1980.

longo prazo era profundamente pragmático. Por fim, as questões que levantou e as soluções que defendeu sempre incorporaram as objeções ou as conclusões de seus camaradas de debate. Nesse sentido, os camaradas de Lênin na Segunda Internacional também pertenceram à variedade de fontes de seu marxismo: além de Plekhánov e Kautsky, havia Bernstein e o jovem Struve, Berdiáev com o socialismo ético de seus anos de juventude, Máslov e Trótski, Bogdánov e Pannekoek, Bakúnin e Sorel, Rosa Luxemburgo e Bukhárin. Além dessas tendências, havia os “esquerdistas” com os quais ele teve que lidar após a revolução, que postulavam uma revolução permanente no momento em que a contrarrevolução já estava em curso. Lênin superou essas tendências, embora com graves contradições. No entanto, as respostas que deu às próprias perguntas refletiram um estreitamento de alternativas, mesmo no contexto político particular de seu gabinete.

Lênin era um pensador independente, mas não criou um sistema teórico independente, um “ismo” dentro do marxismo, embora muitos autores modernos falem em leninismo ao sistematizar sua obra¹¹. O que ele fez foi redescobrir, reenergizar e aprofundar elementos da tradição marxista que a social-democracia europeia estava empenhada em enterrar. Certamente, seu marxismo era um marxismo, não a teoria de um “partido conspirador”. Para afastar-se de outra má interpretação, é importante enfatizar que o marxismo de Lênin, focado no movimento e na ação política, não era a teoria de um “partido conspirador” determinada por suas “origens russas”.

A questão da organização

A noção que Lênin tinha de um partido clandestino centralizado e de vanguarda – “o partido dos revolucionários profissionais” – é geralmente atribuída a origens russas e, na verdade, isso tem base factual. Realmente, a experiência histórica da construção de um partido clandestino era importante para o marxismo de Lênin, e sua “teoria do partido” foi produto disso. O que permanece importante em Lênin é a promoção de um contrapoder social (*e não oposicionista!*), uma liderança

¹¹ De acordo com o testemunho de Krúpskaia, quando, pouco antes da morte de Lênin, Trótski comparou-o a Marx, Lênin sentiu-se lisonjeado, mas considerou o paralelo um exagero, pois jamais elaborara uma metodologia científica própria, nem uma teoria diferente do marxismo. A criação burocrática de sistemas era estranha a Lênin, conforme assinalado até mesmo por intérpretes originais de sua obra, como Gramsci. Em sua crítica à “geração de sistemas” anti-dialética de Bukhárin, também rejeitada por Lênin, o filósofo italiano comentou, atacando a criação formal de sistemas: “Mas é vulgar a contenção de que ciência deve querer dizer ‘sistema’, e, conseqüentemente, de que se criem sistemas de todo tipo que têm apenas a exterioridade mecânica de um sistema e não sua necessária coerência inerente”. Antonio Gramsci, *Selections from the Prison Notebooks*, cit., p. 434.

política e cultural de uma rede de organizações da sociedade civil, o “partido dos trabalhadores” – que nunca significou exclusivamente partido dos trabalhadores “manuais”. Nesse contexto, o partido se torna uma rede que promove o entendimento e a articulação de interesses, a “forma organizacional” da “consciência de classe proletária” (Lukács). Esse partido era o demiurgo de uma resistência social ampla, segmentada horizontal e verticalmente, “cuja força motriz é o proletariado”. Na concepção e prática de Lênin, os quadros da “contrassociedade” eram treinados pelo partido revolucionário clandestino e centralizado. Portanto, em sua teoria, o papel histórico do partido (social-democrata, depois comunista) era não apenas “importar consciência de classe de fora para o interior do proletariado” (isso já havia sido compreendido por Kautsky, de quem Lênin “herdou” a ideia), mas antes, como “parcela mais revolucionária” da classe social, se tornar um ator independente imbuído do interesse de transformação consciente e revolucionária da sociedade. Lênin levantou a questão em abril de 1917, quando argumentou que a existência do partido era justificada somente enquanto a classe dos assalariados não tivesse criado as condições econômicas e políticas para sua própria liquidação. Ele não tinha uma teoria pré-fabricada de que o partido devesse se tornar a encarnação dos componentes que faltavam no socialismo – fosse na organização, fosse na teoria, fosse na sociologia. Uma causa e uma consequência do sistema de partido único que eventualmente surgiu na União Soviética foi o fato de o partido em si ter assumido as funções do proletariado. Mas mesmo os partidos comunistas que surgiram em outros lugares da Europa incluíam apenas os estratos mais revolucionários da classe trabalhadora. Lênin estava ciente de que, em tal situação, a evolução do partido era impactada pela combinação de pragmatismo burocrático e messianismo revolucionário. A consciência de classe proletária estava crescentemente encarnada no partido bolchevique russo: a questão organizacional era, então, posta no nível da questão geral da aplicação do poder de Estado. Olhando para isso do ponto de vista da década de 1930, a “estatização” do partido tornou-se inevitável com a derrota da revolução europeia.

Lênin nunca explicou adequadamente o fracasso da ruptura revolucionária na Europa ocidental. O jovem Lukács, analisando as causas da surpreendente crise ideológica do proletariado em seu magistral *História e consciência de classe*, chegou à conclusão de que o “menchevismo” e o “economicismo” da classe trabalhadora, ou a ênfase no papel da aristocracia dos trabalhadores e em seu aburguesamento, provavelmente não afetavam a “totalidade da questão, isto é, sua essência”. Ao reconhecer os “limites do espontaneísmo revolucionário”, Lukács descobriu que não bastava esclarecer as massas com propaganda que as dotasse de consciência suficiente para superar o impasse. O partido devia guiar “todo o proletariado” por meio de seus interesses diretos e imediatos. De acordo com esse argumento, “as experiências das lutas revolucionárias falharam em fornecer

quaisquer evidências conclusivas de que o fervor revolucionário e a vontade de luta do proletariado correspondiam de modo direto ao nível econômico de suas diversas partes”¹². Assim, com base em sua análise da situação alemã em particular, Lukács chegou ao papel decisivo das “decisões forçadas” no aumento da participação do povo nas organizações.

Um Lukács mais velho – polemizando com sua obra de juventude cinquenta anos depois – descobriu os pontos fracos da análise de Lênin a respeito do partido e da consciência de classe proletária em seu livro *Para uma ontologia do ser social*¹³. O velho Lukács não mais buscava a solução para o problema básico do “atraso ideológico do proletariado”. Nem a teoria mecanicista do espontaneísmo nem a compreensão superficial da importação da consciência de classe poderiam explicar “adequadamente” a crise na consciência anticapitalista do proletariado. Em sua crítica de Lênin, retirou a atenção do aspecto ideológico em prol do aspecto econômico, enfatizando as mudanças na natureza da economia capitalista e as consequências subjetivas dessas mudanças:

essa generosa concepção de Lênin, que trazia Marx para o presente de maneira realmente revolucionária, [...] se concentra muito exclusiva e incondicionalmente na transformação da ideologia, e por isso não orienta esta última de modo concreto o bastante para a mudança do objeto a ser transformado, isto é, a economia capitalista.¹⁴

Lênin não foi capaz de identificar as características econômicas do “último” estágio do desenvolvimento capitalista, a transformação dos movimentos dos trabalhadores nos “países desenvolvidos”. Assim, de acordo com o Lukács tardio, o interesse econômico como força motriz social não estava no centro do pensamento de Lênin nos anos que se seguiram à revolução. Embora o marxismo de Lênin considerasse muitas das novas características do capitalismo – por exemplo, em sua análise do sistema de taylorista –, ele não atribuiu a devida importância, como disse Lukács, à “tendência para o predomínio do mais-valor relativo na exploração dos trabalhadores”¹⁵. Na verdade, Lukács observa que

¹² György Lukács, “Towards a Methodology of the Problem of Organization”, em *History and Class Consciousness* (Cambridge-MA, MIT Press, 1971), p. 305 [ed. bras.: *História e consciência de classe*, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2012].

¹³ Idem, *Prolegômenos para uma ontologia do ser social* (trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento, São Paulo, Boitempo, 2010).

¹⁴ Ibidem, p. 287.

¹⁵ Idem, adaptado. Pode-se assinalar que Lukács exagerava um pouco, pois apenas nos países do capitalismo central o “mais-valor relativo” se tornou dominante.

Também em Lênin falta qualquer alusão para esclarecer se a sua importante distinção entre consciência de classe tradeunionista e consciência de classe política foi provocada por uma mudança no ser social do capitalismo, e se teria relação especialmente com essa mudança, ou se seria igualmente válida para qualquer estágio do desenvolvimento. Assim, tudo se limita a uma – importante – confrontação ideológica de dois tipos de comportamento.¹⁶

Lênin, tendo fornecido um meio para romper com a noção apologética encontrada na *realpolitik*, por fim foi transformado em teórico de uma nova versão dela. O próprio partido se tornou a organização que encarnava essa nova *realpolitik*, passando a ser eventualmente o partido-Estado, cujo objetivo não era mais transmitir seu poder à classe trabalhadora, mas preservá-lo nas mãos de uma camada isolada e privilegiada.

Desenvolvimento desigual e hierarquia do sistema mundial: a revolução ainda é possível?

Lênin começou com a análise contemporânea do capitalismo. Seu ponto de partida era o entendimento de que o desenvolvimento do capitalismo no contexto russo do fim do século XIX era uma manifestação geral e, ao mesmo tempo, específica do capitalismo. Ele analisou as peculiaridades do capitalismo russo com uma abordagem científica de sua história, tomando os conceitos teóricos e metodológicos de Marx como ponto de partida. Estava ciente das consequências sociopolíticas da coexistência e da sobreposição de várias formações sociais (não apenas com relação à história russa!) e de sua penetração pela forma capitalista predominante. Mesmo antes de 1905, Lênin explicou esse desenvolvimento particular, a saber, que a Rússia fora incorporada no sistema mundial por meio de um processo que hoje poderíamos descrever como “integração semiperiférica”, no qual formas pré-capitalistas são preservadas sob o capitalismo de modo a reforçar a subordinação aos interesses capitalistas ocidentais. O capitalismo integrou formas pré-capitalistas no interior de seu próprio funcionamento. Lênin conseguiu amarrar a mistura de formas pré-capitalistas e capitalistas ao conceito de colonialismo interno sob o regime tsarista. Também definiu a existência de uma relação centro-periferia no interior da Rússia à luz desse colonialismo interno. Ele

¹⁶ Com precisão, Lukács assinalou as consequências sérias, até mesmo “fatais”, desse hiato para a posteridade: “Tal universalidade ideológica [das formulações de Lênin desse período] parecia, para Stálin e seus seguidores, oferecer a possibilidade de apresentar sua própria ideologia política – que em algumas questões importantes foi o exato oposto daquela de Lênin – como sua continuidade adequada”. *Ibidem*, p. 287-8.

estava ciente (muito antes de Wallerstein)¹⁷ não apenas da hierarquia estrutural tripla e das relações basicamente desiguais do capitalismo como também da hierarquia entre regiões e Estados-nação.

Aprendendo as lições da Primeira Guerra Mundial, Lênin expôs uma teoria da constituição hierárquica do sistema capitalista mundial, descrevendo a chamada lei do desenvolvimento desigual do capitalismo na era do imperialismo. Nesse quadro teórico, ele considerou a dinâmica da periferia colonial como subproduto e manifestação da competição capitalista internacional e da acumulação de capital. Paralelamente a isso estava a aliança contraditória entre a “resistência proletária” anticapitalista e as lutas por independência (ou desenvolvimento) nacional do capitalismo do Terceiro Mundo – uma luta que se relaciona com a luta antirregime que a semiperiferia travava com o centro (principalmente na Rússia). Lênin trouxe à luz a variedade de formas em que as lutas nacionais por independência existiam, suas diferentes composições sociais e de classe e a possível conexão histórica entre “a luta de classes proletária e as lutas nacionais, anti-imperialistas, por independência”.

Sua ruptura com uma visão de mundo eurocêntrica no verão de 1914 implicou uma ruptura teórica, política e organizacional total com a social-democracia europeia, que se encontrava cada vez mais sob influência do revisionismo de Bernstein. Isso se deu quando os núcleos oficiais da social-democracia na Europa decidiram apoiar os governos imperialistas de seus respectivos países. No curso das análises, Lênin delineou não apenas as formas históricas do nacionalismo, mas também o nacionalismo em suas manipulações, sua função quase-religiosa no interior das políticas e da propaganda da classe dominante. O colapso da social-democracia em 1914 fez com que Lênin se desse conta de que ela representava os interesses do escalão superior, do estrato “inclinado à burguesia” do proletariado: que a social-democracia revisionista era a expressão política daqueles que tinham abandonado a concepção e a práxis da revolução universal e da luta de classes conforme teorizada por Marx.

Embora Lênin não tenha escrito trabalhos originais em sociologia ou filosofia¹⁸, ele claramente definiu os requisitos teóricos e prático-organizacionais

¹⁷ Tamás Krausz, “Ami a wallersteini elméletből ‘kimaradt’: néhány megjegyzés” [A teoria de Wallerstein: tudo o que “ficou de fora”], *Eszmélet*, n. 91, 2011.

¹⁸ De modo geral, Lênin não se dava ao trabalho de estudar metodicamente a sociologia e a filosofia burguesas de seu tempo, uma vez que as concebia como meras apologias da ordem existente. Somente reagia a elas quando formavam vias de acesso a ideias ou políticas social-democratas, e passava mais tempo mergulhado no exame das tendências no interior do marxismo e da social-democracia (Plekhánov, Bernstein, Kautsky, Hilferding). Essas limitações foram superadas em seus estudos históricos, quando decidiu se aprofundar nas “ciências burguesas” e aceitou

necessários à superação do capitalismo. No entanto, não vislumbrou totalmente a *configuração* política, sociológica, psicológica e organizacional que surgiu como consequência do *desenvolvimento* muito *desigual* do capitalismo global descoberto por ele próprio. Em outras palavras, não deduziu completamente (ou não poderia reconhecer à época) as consequências do fato de que a contradição entre “desenvolvimento desigual” e “desenvolvimento uniforme” em uma comunidade nacional ou no sistema mundial não encontra ajuste; a natureza relativa da contradição entre esses dois modos só ficou aparente no presente¹⁹. Como se sabe, a história nunca fornece provas decisivas às questões teóricas. E os desenvolvimentos posteriores a 1945 certamente não validam as expectativas de Lênin (nem de Marx). Em vez de o capitalismo central amadurecer em direção à revolução socialista, as nações nele incluídas estabilizaram o capitalismo sob a forma do Estado de bem-estar social. Reconhecer isso não é tomar uma posição apologetica em relação ao caminho histórico tomado pela social-democracia. Pelo contrário, uma vez que o “fim da história” não ocorreu em 1989, não é preciso ser profeta para prever que a necessidade de salvação revolucionária do mundo surgirá novamente.

Método e filosofia da revolução

A Primeira Guerra Mundial sinalizou um novo período, que prometeu criar as condições para a revolução. Ao mesmo tempo, ocorreu uma mudança nas táticas revolucionárias de Lênin inspirada por seu estudo de Hegel, que era uma concepção integrada de teoria, política e organização. Desde o início da guerra, sua estratégia revolucionária estava baseada na premissa de que não poderia haver compromisso com quaisquer atitudes favoráveis à guerra ou com meias soluções pacifistas, pois a guerra deve engendrar uma situação potencialmente revolucionária na Rússia (e na Europa). Ele se dirigiu às massas que não tinham interesse *direto* em perseguir a guerra porque contou com a evolução das condições *subjetivas* para uma situação revolucionária. Por isso, rompeu com os centristas e convocou uma nova Internacional. Os autores segundo os quais o marxismo

alguns achados de seu “período progressista”, como ele o chamava, que acabou com a Primeira Guerra Mundial. Daí em diante, o sistema teria passado para sua fase negativa, degenerativa.

¹⁹ Ver Péter Szigeti, *Világrendszernézöben: Globális “szabad verseny” – a világg kapitalizmus jelenlegi stádiuma* [Avaliação das ordens mundiais: a “livre competição” global – o atual estágio do capitalismo no mundo] (Budapeste, Napvilág, 2005), p. 37. Szigeti está correto em defender que o problema real e muito importante do desenvolvimento desigual não deve ser excessivamente generalizado e que o desenvolvimento igualitário não deve ser esquecido. Nesse sentido, tanto Lênin quanto o marxismo de todo o movimento comunista ficou preso no terreno do atraso histórico relativo, de ter de “tirar o atraso”.

de Lênin suscitou uma reinterpretação radical do subjetivismo, principalmente como resultado de sua leitura de Hegel, estão certos. Lênin percebeu as circunstâncias históricas que provocaram o despertar da consciência dos indivíduos e das massas e compreendeu que isso poderia fornecer “fundamento” para a política revolucionária. Ou seja, a correlação objetiva de forças pôde ser reconfigurada, uma vez que até mesmo dez bastariam para confrontar a guerra: sob as novas circunstâncias, milhões poderiam unir-se a eles. Lênin já sabia disso quando os recrutas marchavam para o *front*, cantando espírituosamente. Em contraste com as “filosofias de massa” elitistas e especulativas e os utópicos socialistas “proféticos” – e com base nos estudos de Hegel e Marx –, Lênin enfatizou as ideias e a prática da mudança revolucionária. Esse desafio foi parte da motivação de seus estudos e debates filosóficos, bem como a noção de que o revisionismo da social-democracia se esforçava para “salvar” a ordem mundial colapsada. Suas “mensagens” empiristas ou neokantianas procuravam acalmar os trabalhadores com a promessa de pacificação da ordem capitalista.

A opinião de alguns especialistas de que, na virada do século, Lênin considerava o revisionismo apenas uma “aberração” ideológica ou política é sugestiva de que o “giro” bernsteiniano (reconciliação entre capitalismo e movimento dos trabalhadores) foi validado à luz das décadas recentes. Em última análise, argumentam que reformas sociais, e não a revolução social, encontraram sua justificação²⁰. É claro que essa apologia do revisionismo não resiste à análise, porque continua a refletir apenas a visão eurocêntrica dos países capitalistas centrais. O sistema capitalista global não superou a fome que assola centenas de milhões, as crises, as guerras, as ditaduras e o desemprego, sem mencionar a alienação social e cultural que afeta a vida de outros tantos milhões. O marxismo de Lênin lutou pela *totalidade* em seu modo de contemplar. Ou seja, em contraste com seu materialismo contemplativo anterior, moveu-se em direção a uma “filosofia prática dialética ativista”²¹. Com a Primeira Guerra Mundial chegou o momento

²⁰ Após o colapso da União Soviética, é novamente a metodologia hegeliana que domina boa parte do pensamento de historiadores marxista-leninista, desenganados, se converteram ao bernsteinianismo e ao revisionismo. Isso enseja, novamente, uma coexistência hegeliana com a realidade, com a diferença de que, agora, ela apareça na forma da “validação do revisionismo”. Um exemplo típico disso seria T. I. Oizerman, *Оправдание ревизионизма / Opravdanie revizionizma* [Justificando o revisionismo] (Moscou, Kanon, 2005).

²¹ Para a contribuição mais recente de um velho representante dessa descoberta, ver Kevin B. Anderson, “The Rediscovery and Persistence of the Dialectics in Philosophy and in World Politics”, em Sebastian Budgen, Stathis Kouvelakis e Slavoj Žižek (org.), *Lenin Reloaded*, cit., p. 120-47. Talvez essa descoberta tenha aparecido pela primeira vez na obra de Henri Lefebvre, em seu *La Pensée de Lénine*, publicado originalmente em 1957 e incluído na citada antologia *Lenin Reloaded*, p. 138 e seg. Mas os bolcheviques já debatiam a importância da dialética na obra de

em que, em todo o mundo, o proletariado poderia tomar o próprio destino nas mãos. Em contraste com a social-democracia ocidental e as soluções parciais que ela tinha oferecido desde a virada do século, Lênin considerou o todo. Ele restaurou a consciência teórica e metodológica marxista hegeliana, baseada na “totalidade”, a seu lugar legítimo, incluindo, antes de tudo, o salto qualitativo da *mudança revolucionária*, a superação dialética da antiga civilização. De acordo com esse objetivo básico, o marxismo de Lênin chegou à *teoria e à prática da transformação social* no momento histórico em que, de fato, provou-se possível romper a superfície da ordem capitalista mundial, ao menos por um tempo.

Na teoria social de Lênin, a história oferece múltiplas potencialidades. Por isso a arte da política revolucionária está contida em reconhecer e encontrar um caminho entre as alternativas. Isso não significa necessariamente “da perspectiva do proletariado” uma escolha da ação revolucionária mais radical. O ponto de partida só pode ser o que é *especificamente possível*. No pensamento de Lênin, o pré-requisito para determinar o que é e o que não é *possível* reside na análise histórica concreta das relações políticas e no respectivo poder das classes, uma seleção da direção da mudança e da estratégia para garantir aliados duradouros para a classe trabalhadora.

As teses teóricas e políticas de Lênin, baseadas em fatos históricos e econômicos, sustentavam que a autocracia tsarista só poderia ser desalojada pela revolução. Isso foi acompanhado pelo reconhecimento de que a burguesia russa “não poderia desempenhar papel de liderança” na revolução. Para Plekhánov, tal avaliação da burguesia russa era questionável. Lênin, ao contrário, compreendeu a “revolução nacional” ou a “revolução burguesa” russas como associação entre trabalhadores urbanos e camponeses sem terra, como bem demonstraram os eventos de 1905. Isso naturalmente o conduziu à tese bem conhecida de que “a revolução burguesa não pode ser separada da revolução proletária por uma muralha da China”. Com a

Lênin pouco depois da sua morte. A questão de a leitura de Hegel por Lênin em 1914 ter se revelado uma ruptura epistemológica ou ideológica é mencionada, embora no sentido oposto, por autores conhecidos (não surpreendentemente no fim dos anos 1960), como Roger Garaudy, em *Lenin* (Paris, PUF, 1968), e L. Coletti, em *Il Marxismo e Hegel* (Bari, Laterza, 1976). Ver, do mesmo período, Marcel Liebman, *Leninism under Lenin* (Londres, Cape, 1975). Dos anos 1980 e 1990, ver Kevin Anderson, *Lenin, Hegel and Western Marxism: Critical Studies* (Urbana, University of Illinois Press, 1995), bem como Neil Harding, *Leninism* (Durham-NC, Duke University Press, 1996). Houve um debate interessante sobre o livro “hegeliano” de Anderson em meados de 1990, por iniciativa de Raia Dunaiévskaja. Não podemos deixar de assinalar que, na Hungria, as obras de István Hermann e György Szabó András também representaram contribuições importantes. Além disso, Ádám Wirth publicou uma monografia intitulada *Lenin, a filozófus* [Lênin, o filósofo] (Budapeste, Kossuth, 1971), embora tenha sido escrita a partir do antigo ponto de vista profissional.

globalização capitalista atingindo um nível mais elevado no momento da Primeira Guerra Mundial, essa visão foi reivindicada globalmente, pois o movimento das massas descontentes de trabalhadores e camponeses armados, bem como os das nacionalidades, ganharam ímpeto e insinuaram a possibilidade de outra revolução, a de trabalhadores, soldados e camponeses, sobre as bases de reforma agrária e saída da guerra. Embora Lênin tenha chamado isso de “revolução proletária”, ele estava bastante consciente de que uma revolução puramente proletária era impossível na Rússia. Seus famosos debates intermitentes com Trótski refletem quão complexa era a relação real entre o fazer político e a teoria.

Mesmo assim, Lênin teve de modificar a noção, herdada de Marx, de *revolução mundial* e a lei do desenvolvimento desigual – “o elo mais fraco na cadeia do imperialismo”. Ele argumentou que a revolução mundial, como processo histórico de longo alcance, *pode muito bem começar* na Rússia. A Revolução Russa poderia se tornar a centelha da revolução mundial. Embora Lênin soubesse bem que isso era apenas uma possibilidade histórica, ele também sabia que nada seria pior que a guerra em si (mesmo que a civilização não estivesse próxima de seu fim em nenhum lugar). Lênin tirou conclusões políticas desses fatos. Outros líderes do marxismo europeu, como Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, concordaram.

As verdadeiras dificuldades analíticas surgiram a partir de 1917, pois a história tomou um curso diferente do previsto pelo marxismo até aquele ponto (inclusive por Lênin). A revolução política foi formulada como parte da *revolução social* na teoria de Lênin, refletindo a universalidade e a profundidade de toda a transformação revolucionária, mas o desenvolvimento tangencial da história criou sérias contradições. Isto é, a Revolução Russa ocorreu sob restrições históricas mundiais bem conhecidas, com base nas quais Lênin concluiu que a missão histórica da Revolução Russa “semiperiférica” era *estabelecer localmente a civilização cultural e as condições econômico-psicológicas do socialismo*, até que os desenvolvimentos globais libertassem a história russa dos grilhões de convenções impostas por milhares de anos e a integrasse na nova civilização socialista europeia. Numerosos comentários e análises de Lênin escritos após 1917 lidaram com essa questão, em particular seu último escrito. Os constrangimentos estruturais – de acordo com a dialética histórica, aliás – permitiram apenas uma proposição distorcida e unilateral do socialismo como prática. Em vez de realizar uma sociedade comunal, o caminho do socialismo autêntico levou ao sistema *burocrático* da comunidade *governada pelo Estado*.

Desde o início, o problema da revolução estava ligado à questão de como *Estado e sociedade* estão relacionados na teoria de Lênin. Conforme discutido, seus conceitos de “contrapropaganda”, “contrapoder” (imprensa social-democrata, clubes de debate, círculos de autoinstrução, o partido de proletários) e uma rede de auto-organização social (soviets, sindicatos e outras estruturas de proteção de interesses) foram rapidamente enterrados sob as demandas de poder

do sistema que ele próprio ajudou a criar – e, por fim, pelo sistema de partido único. Em princípio, a revolução teria aberto o caminho para um sistema baseado na auto-organização da sociedade como um todo. Uma ordem social autogerida, construída de baixo para cima, poderia ter existido em tal sociedade, desde que um sistema institucional burocrático dissociado não tivesse se estabelecido²². A viabilidade da “causa histórica” pressupunha o apoio da revolução internacional.

Ainda que a história tenha confirmado o marxismo de Lênin no que concerne à Revolução Russa, ela não confirmou suas ideias nem suas aspirações de desenvolvimento *pós-revolucionário*. Uma das pedras angulares de sua concepção política anterior a 1917, a questão da democracia, fixou os estágios de transição no caminho da revolução. Ele não apenas sustentou sua crítica da *democracia burguesa* e das abordagens burguesas à democracia com as dimensões econômica e social da democracia – demonstrando as funções opressivas do sistema burguês, alinhado com sua crítica do capitalismo –, como também delineou uma série de estipulações político-organizacionais: a democracia burguesa torna-se democracia plebeia e, em seguida, *democracia dos trabalhadores* (o semi-Estado), pressupondo uma transformação na estrutura de poder a partir da mudança socioeconômica de regimes como um todo.

Sem forças sociais para sustentar seu aprofundamento, a *democracia dos trabalhadores*, que era tanto na teoria como na prática uma ditadura – isto é, a ditadura do proletariado – contra os defensores do antigo sistema, logo decaiu em uma “ditadura do partido” (Lênin), conceito que depois assumiu precedência no trabalho teórico de Lênin. A resposta à situação dada que Lênin legou em sua leitura do marxismo, e delineou teoricamente, era de que o socialismo não apenas não poderia ser introduzido, como numerosos estágios de *transição* seriam necessários para atingi-lo – “transições dentro das transições”. No entanto, os aspectos teóricos e políticos da superação de uma “ditadura do partido” minguaram, se complicaram e, por fim, naufragaram irrevogavelmente sob as exigências de autopreservação do regime.

A perspectiva socialista: a contradição não resolvida

Em consequência dos limites impostos pelas circunstâncias históricas e pela mortalidade individual, Lênin só foi capaz de fornecer uma resposta marxista

²² Essa concepção é abordada em *O Estado e a revolução*. Em sua introdução teórica, Lênin ativa pontos de vista quase esquecidos de Marx, a saber: o socialismo como desfecho de um longo processo histórico; como a primeira fase do comunismo (operando como a evolução possivelmente universal em direção ao futuro); como a “comunidade de produtores associados”; e como a liberdade global da humanidade civilizada.

limitada à questão do recurso à ditadura mesmo contra sua própria base social para preservar o poder soviético. Por um lado, tentou compensar a opressão política ao proclamar, em oposição ao poder estatal remanescente e ainda mais forte, que “a classe trabalhadora deve defender-se de seu próprio Estado”. Por outro, no entanto, deixou sem explicação como ela poderia fazer isso com o apoio desse próprio Estado. Em outras palavras, os trabalhadores devem confrontar o Estado e, ao mesmo tempo, defendê-lo. Não havia solução dialética para tal contradição. Além disso, havia outra contradição sem resolução: Lênin reservou ao partido e ao Estado a capacidade de coerção extraeconômica, que era proporcional à falta de condições para a realização do socialismo. “Mesmo Pedro, o Grande, precisou recorrer a métodos bárbaros para enfrentar condições bárbaras.” A teoria e a prática de autodefesa presentes nas ideias anteriores de Lênin não apenas diminuíram, como acabaram por ser eliminadas pela guinada stalinista, o que mais tarde obviamente contribuiu para a queda do socialismo estatal.

O pensamento de Lênin voltou-se para o beco sem saída do comunismo de guerra, a remoção da ideologia das medidas militares que acompanham um tipo específico de socialismo de Estado e a percepção de que a mudança de formas sociais pode se realizar apenas parcialmente. A Nova Política Econômica implicou o reconhecimento de que nem a democracia direta dos trabalhadores nem a cooperação econômica construída sobre a autogestão poderiam ser estabelecidas. Lênin identificou esse estágio como “transições dentro das transições”, como “*capitalismo de Estado*” supervisionado pelo Estado soviético²³. Diferentemente da maioria dos bolcheviques, enfatizou neste ponto que a nova sociedade não poderia ser introduzida por meios políticos, por um assalto revolucionário. O desenvolvimento crescente ou as reformas não poderiam ser confundidos com o salto revolucionário se levarmos em conta os limites humanos, subjetivos, de desenvolvimento e a relevância do progresso passo a passo. Mesmo assim, Lênin nunca se converteu num bernsteiniano, como alguns autores sugeriram²⁴, tampouco dissolveu a herança marxista em partes metodológicas e científicas. Em vez disso, aceitou a contradição e a concebeu como um todo relativo ou um sistema que não poderia ser complementado nem “pluralizado”, como conceito

²³ O esforço de esquadrihar uma ideologia para atender aos desenvolvimentos não previstos do socialismo de Estado está completamente ausente em Lênin. Essa ausência foi uma das bases teóricas do acalorado debate no qual se envolveram Trótski e seus camaradas – ao qual se juntaram posteriormente outros nomes, incluindo J.-P. Sartre – ao desafiar a coerência e o significado da tese stalinista do “socialismo em um só país”.

²⁴ Na esteira da citada obra de T. I. Oizerman, I. K. Pántin publicou o artigo “Исторические судьбы марксизма”/ “Istorícheskie sudby marksizma” [Destino histórico do marxismo], *Вестник Российской Федерации* [Boletim da Federação Russa], Moscou, ago. 2006, p. 747-53.

que não poderia ser desconstruído à vontade. Em oposição ao pensamento anarquista e dogmático, que trata a totalidade como um absoluto, enfatizou a universalidade do gradualismo, a segmentação, as tarefas parciais; e, contra o particularismo do revisionismo (e do liberalismo), enfatizou a totalidade, uma abordagem totalizante dos objetivos do socialismo.

A descoberta-chave de Lênin após a revolução foi precisamente de que a Rússia precisava assimilar as conquistas básicas da tecnologia e da civilização cultural ocidentais e ao mesmo tempo tentar criar uma nova economia mista. Em tais circunstâncias, o Estado soviético foi chamado a apoiar os setores da comunidade social que concorriam como “ilhas de socialismo”. O principal imperativo era de que a “modernização” deveria fazer avançar o Estado e os setores social-comunitários, porque o livre mercado e a dominação desinibida do capital são o fundamento da opressão humana. A ideia de autonomia do indivíduo e da personalidade como base para o desenvolvimento da sociedade comunal estava ausente não apenas do legado de Lênin, mas do legado de todo o período, que insistia em outras dimensões do desenvolvimento. Em outras palavras, a tarefa do marxismo de Lênin não é desempenhar o papel do liberalismo da Europa ocidental do século XIX, mas combinar os setores econômico, cultural e outros que se apoiariam mutuamente. Contudo, as circunstâncias históricas objetivas acarretaram uma contradição irreconciliável entre uma filosofia política inclinada a preservar o poder e a teoria socioeconômica (teoria comunista). Essa concepção de socialismo teórico, originalmente abordada em *O Estado e a revolução*, ativou uma visão quase esquecida de Marx: o socialismo era resultado de um processo histórico prolongado, a primeira fase do comunismo. Ele inaugurou uma possibilidade de evolução universal para um futuro de “comunidade de produtores associados”, a liberdade global da humanidade civilizada.

A obra e a vida de Lênin confirmam que o marxismo, tanto como teoria quanto como prática política, lida diretamente com o projeto de *ir além do capitalismo*. Para ele, o marxismo não era uma disciplina abstrata que valesse por si própria. Certamente, não era um filosofar abstrato sobre o significado da vida. A ciência e a filosofia eram apenas ferramentas para atingir a emancipação humana. O ponto de partida do marxismo de Lênin é, portanto, o mapeamento correto de seu próprio contexto histórico. No centro de seu pensamento e de toda sua atividade encontra-se a exploração das oportunidades para a revolução proletária na Rússia e no mundo e seu potencial inerente de realização prática.

A forma histórica específica da trajetória revolucionária examinada aqui – de um aspecto de seu objetivo final de igualdade social, isto é, o fim das classes sociais e a conquista da liberdade – era restringida por circunstâncias históricas e limitações humanas. Ao mesmo tempo, a metodologia da transformação da comunidade mundial sobreviveu ao fracasso da experiência prática. Essa é a

contradição que as tendências modernas do marxismo vivem dia após dia. As conclusões ainda estão por surgir. O triunfo moderno do revisionismo fez reviver as hipóteses ideológicas – negadas pela história manchada de sangue do século XX – de que o capitalismo pode ser civilizado mundialmente, pode ter uma face humana. A principal plataforma do revisionismo foi a de que o capitalismo pode ser civilizado e pode abraçar a civilização no “centro” do sistema capitalista. O que Lênin entendeu foi o significado do próprio sistema, ou seja, de que, se ele pode ser melhorado de algum modo (e devemos nos esforçar por tal melhoria local e internacionalmente), isso só pode ocorrer à custa do bem-estar das populações periféricas. Assim, a fim de melhorar realmente o sistema para todos, é necessário superá-lo. Até hoje, a questão é: a civilização capitalista pode ser conquistada por meio da emancipação social?

Nenhuma tentativa de responder a essa pergunta deve ignorar as contribuições teóricas e políticas de Lênin. Seu adversário político, Nikolai Ustriálov, em escrito dedicado a Lênin, analisou as realizações do líder bolchevique pelo ponto de vista da “grandeza da nação russa” e opinou que Lênin estava profundamente enraizado na história russa, que seu lugar era claramente entre os “grandes heróis nacionais russos”, encarnando Pedro, o Grande, e Napoleão, Mirabeau e Danton, Pugatchov e Robespierre, todos ao mesmo tempo²⁵.

Slavoj Žižek resumiu o problema numa base marxista: “Repetir Lênin não significa que devemos repetir o que ele alcançou, e sim o que ele não conseguiu alcançar”. Até mesmo Václav Havel admite, como Žižek notou, que a democracia burguesa exauriu seus próprios recursos e é incapaz de resolver os problemas básicos do mundo, “mas, se um leninista faz essa afirmação, ele é imediatamente acusado de totalitarismo”. A atualidade de Lênin reside no fato de ele transformar suas próprias experiências históricas em um conjunto de conceitos teóricos que minam e destroem quaisquer justificações para a sociedade burguesa, e, apesar das contradições envolvidas, fornece ferramentas para aqueles que ainda pensam na possibilidade de um mundo mais humano²⁶.

²⁵ Nikolai Ustriálov, *Национал большевизм/ Nacional bolchevizm* [Bolchevismo nacional] (Moscou, Algoritm, 2003), p. 372-6.

²⁶ Slavoj Žižek, *13 опытов о Ленине/ 13 опытов o Liénine* [13 experimentos sobre Lênin] (Moscou, Ad Marginem, 2003), p. 252-3.